Dia 11 — São Barnabé, Apóstolo

São Barnabé foi judeu, da tribo de Levi, e nasceu em Chipre, onde havia muito tempo se havia estabelecido sua família; chamou-se José ou Joseph até depois da Ascensão do Salvador, quando os apóstolos lhe deram o nome de Barnabé, que quer dizer filho da consolação, pelo dom particular que lhe havia dado Deus para consolar os aflitos, tendo especial graça para adoçar os pesares e tranquilizar os corações. Em tudo era muito grato, diz São João Crisóstomo; bela disposição, gênio aprazível, naturalmente liberal, reto, sincero, afável e bondoso, de uma fisionomia muito agradável, de belo ar, de modos atentos e corteses; enfim, de tanta modéstia e compostura que desde logo levava os corações.

Sua casa era muito abastada e assim não poupou meio algum para dar-lhe uma boa educação. Prendados seus pais de sua amabilidade, de sua natural inclinação à virtude e dos talentos que já manifestava para as letras, enviaram-no a Jerusalém para que as aprendesse sob o magistério do célebre Gamaliel, com cuja ocasião conheceu Saulo, que era de sua mesma idade com pequena diferença e estudava também com o mesmo mestre. Desde então estreitaram os dois aquela amizade que depois contribuiu não pouco para a conversão dos gentios.

À medida que o jovem José ia crescendo em idade, crescia também em juízo e em prudência; não havia moço mais virtuoso nem mais assentado. Como por sua tribo havia nascido destinado ao ministério do templo, todo o seu estudo era fazer-se digno dele com a pureza dos costumes, sendo toda a sua ocupação e todo o seu entretenimento a oração e a leitura das santas Escrituras. Nunca se o achava senão no templo ou com os doutores da lei, e em toda parte era conhecida e celebrada sua virtude.

Achava-se Barnabé nesta grande reputação quando o Salvador do mundo começou a manifestar-se em público com seus milagres. Achou-se presente ao que fez com o paralítico e, como suspirava tanto pelo Messias e não o tinham ofuscado as paixões, conheceu logo a Jesus Cristo; prevenido com a divina graça, arrojou-se aos pés do Salvador e suplicou-lhe que o admitisse no número de seus discípulos; recebeu-o entre eles o Senhor e cumulou-o de graças com esta ditosa eleição. Cheio já Barnabé de caridade e de zelo, quis desde logo dar parte a sua família do tesouro que havia encontrado: tinha em Jerusalém uma tia chamada Maria, irmã de João, por sobrenome Marcos; vai direto buscá-la; anuncia-lhe que havia achado o Messias na pessoa de Cristo; converte-se toda a família e desde então foi aquela casa a hospedagem de Cristo em Jerusalém e, depois que subiu aos céus, o asilo de seus apóstolos e de seus discípulos.

Admitido nosso santo no número dos setenta e dois, corria as vilas e as aldeias anunciando o Salvador e autorizando com muitos milagres sua pregação. Nunca desmentiu o zelo e o amor que

professava a seu divino Mestre, nem o esfriou sua afrontosa morte; antes serviu para apertar mais o indissolúvel laço com que estava unido ao Salvador; do que deu logo grandes provas.

Era dono de uma posse muito rica perto de Jerusalém; vendeu-a depois da vinda do Espírito Santo e pôs todo o preço aos pés dos apóstolos para que fosse distribuído entre os pobres. Sabendo que seu antigo condiscípulo Saulo, movido de um falso zelo, era inimigo mortal dos discípulos de Cristo, teve muitas conferências com ele, provou-lhe invencivelmente a divindade do Salvador; convenceu-o, mas não o converteu, porque Jesus Cristo havia reservado a si mesmo esta conquista. Voltando São Paulo a Jerusalém depois de sua famosa conversão, buscou logo Barnabé; e, tendo-lhe referido tudo o que lhe sucedeu no caminho de Damasco e com Ananias, rogou-lhe que o apresentasse aos apóstolos, prevenindo-os de que de perseguidor de Jesus Cristo se havia convertido em pregador de seu nome.

Quatro ou cinco anos depois vieram a Antioquia alguns fiéis da ilha de Chipre e da cidade de Cirene, na África, os quais converteram grande número de gentios com suas palavras e com seus milagres. Chegou isto à notícia dos apóstolos e logo enviaram Barnabé a Antioquia para que fortalecesse na fé aqueles novos crentes. Como era homem bom, diz São Lucas, cheio do Espírito Santo, poderoso em obras e palavras, em pouco tempo fez prodigiosas conversões. Crescendo cada dia a messe, eram mister novos obreiros; e, sabendo que São Paulo se havia retirado a Tarso, na Cilícia, depois de sua viagem a Jerusalém, passou a buscá-lo e o trouxe consigo a Antioquia. Por espaço de um ano trabalharam os dois nela com tanta felicidade que os que criam em Jesus Cristo começaram desde então a chamar-se cristãos, não se envergonhando já do Evangelho.

Por este tempo veio à mesma cidade de Antioquia o profeta Ágabo, que foi um dos evangélicos; e, tendo-se pronunciado uma fome universal, receosos os cristãos antioquenos da necessidade que haviam de padecer os fiéis que estavam na Judeia, resolveram socorrê-los, cada um segundo sua possibilidade, e rogaram a São Barnabé e a São Paulo que lhes levassem este socorro. Na volta trouxeram consigo a Antioquia João, por sobrenome Marcos, primo de São Barnabé e discípulo seu, como o chama São Jerônimo.

Enquanto Barnabé e Paulo trabalhavam na vinha do Senhor em Antioquia com Simeão, chamado o Negro, com Lúcio de Cirene e com Manaém, irmão de leite de Herodes, aos quais chama a Escritura profetas e doutores, escolheu Deus Paulo e Barnabé para apóstolos dos gentios de um modo maravilhoso. Estavam juntos um dia os ministros do Senhor para celebrar os divinos mistérios e o Espírito Santo ordenou pela boca dos profetas que Paulo e Barnabé fossem separados para empregar-se no ministério a que os tinha destinados, que era anunciar aos gentios o Evangelho. Logo foram consagrados pela imposição das mãos, que, elevando-os à dignidade de apóstolos, os encheu dos dons do Espírito Santo e lhes conferiu a plenitude do sacerdócio. Este era então, diz São Crisóstomo, o modo de conferir as ordens aos ministros públicos da Igreja, precedido frequentemente de revelações e de um mandato expresso do Senhor; mas sempre acompanhado de jejuns, do santo sacrifício e de orações, conferindo-se sempre a graça pela imposição das mãos.

Recebida a missão, partiu São Barnabé com São Paulo para Selêucia; dali passaram à ilha de Chipre, onde deram princípio às funções de seu apostolado; pregaram a fé de Jesus Cristo em

Salamina com um fruto nunca ouvido, percorreram o restante da ilha e chegaram a Pafos, onde confundiram um mago, judeu de profissão, chamado Elimas, que se metia a profetizar o que estava por vir. De Chipre encaminharam-se a Panfília e dali a Perge, onde João Marcos, não podendo já com as fadigas do caminho, despediu-se deles e voltou a Jerusalém. Afligiu muito os dois apóstolos a ausência deste querido discípulo, e mais quando, por não serem pesados a ninguém, se viam obrigados a manter-se com o trabalho de suas mãos. Continuaram sua viagem à Ásia e levaram o Evangelho a Antioquia da Pisídia, onde consentiram em ser apedrejados. Algumas mulheres judias que faziam profissão de piedosas, animadas de seus falsos doutores, que não podiam sofrer as muitas conversões que faziam os apóstolos, lançaram-nos da cidade; e nesta ocasião foi quando, voltando-se São Paulo e São Barnabé para aqueles endurecidos corações que não queriam receber o Evangelho, lhes disseram em tom e com autoridade apostólica (At 13): «A vós primeiramente devíamos anunciar a palavra de Deus; mas, pois a desprezais e vos fazeis indignos da vida eterna, eis aqui que a vamos anunciar aos gentios.» Sacudiram o pó dos sapatos, abandonaram aquele país e encaminharam-se a Icônio, hoje Cogni, onde converteram alguns judeus e muitos idólatras. Passaram a Listra, cidade da Licaônia, onde obraram tantas maravilhas que, admirados os pagãos, tiveram Barnabé pelo deus Júpiter, por causa de sua bela presença, e Paulo por Mercúrio, notando que sempre falava o primeiro; em cuja consideração conduziram algumas vítimas a seus pés para oferecer-lhes sacrifícios. Compadecidos os apóstolos de sua cegueira, rasgaram suas vestiduras e disseram-lhes: «Que fazeis, amigos, que fazeis? Não vedes que somos homens mortais como vós, que viemos exortar-vos a que deixeis essas superstições e a que reconheçais o só verdadeiro Deus, que criou o céu e a terra?» Custou-lhes muito trabalho o fazer-lho crer; mas, chegando então alguns judeus de Icônio, persuadiram o povo de que os dois estrangeiros eram dois insignes impostores e todos os seus aparentes milagres efeitos da arte mágica. Num instante passaram os idólatras de um extremo a outro; lançaram-nos a pedradas da cidade, faltando pouco para que São Paulo perecesse nela; e no dia seguinte tomaram os dois o caminho de Derbe.

No meio de todos estes trabalhos multiplicava-se o número dos fiéis; percorreram toda a Licaônia e a Pisídia; chegaram à Panfília, pregaram em Perge e depois em Atália, fazendo em todas as partes portentosas conversões e fundando igrejas em todas; enfim, restituíram-se a Antioquia, onde contaram aos irmãos as maravilhas e os prodígios que Deus havia obrado para acreditar seu ministério entre os gentios e em todos os lugares onde haviam anunciado o Evangelho.

Não foi menos laboriosa a estada de São Barnabé em Antioquia do que haviam sido suas viagens, não lhe permitindo tomar algum descanso o ardente zelo que tinha pela salvação das almas. Fez também algumas apostólicas excursões na Trácia e até a Ilíria, adiantando novas conquistas a Jesus Cristo. Alguns judeus recém-convertidos, animados de um excessivo zelo pelas cerimônias antigas, pretendiam que a todos os fiéis se devia sujeitar ao jugo da lei e que a de Cristo não dispensava a de Moisés. Isto pôs em precisão Paulo e Barnabé de fazer uma viagem de Antioquia a Jerusalém, onde assistiram ao concílio dos apóstolos e foram reconhecidos os dois por apóstolos dos gentios. No mesmo concílio fizeram publicamente os dois santos uma pontual relação dos assombrosos progressos que fazia cada dia a fé entre os gentios e da felicidade com que se ia levantando a Igreja sobre as ruínas da idolatria.

Ao ouvir tantas maravilhas, João Marcos, primo de São Barnabé, arrependido de sua inconstância e de sua covardia, protestou que já nunca se apartaria de seu lado e desde então se fez seu

discípulo. Voltaram os dois apóstolos a Antioquia e ali se separaram para ir cada um a sua missão: Paulo, tomando por companheiro Silas, dirigiu-se à Ásia; e Barnabé, em companhia de João Marcos, partiu para Chipre, onde muito em breve, com sua suavidade e com seus amabilíssimos modos, tão próprios para ganhar os corações, converteu toda a ilha à fé de Jesus Cristo.

Não podia encerrar-se nos estreitos limites dela um zelo tão fervoroso e tão ativo; estendeu-se muito mais além, e até se assegura que chegou à Itália o santo apóstolo, gloriando-se a célebre igreja de Milão de havê-lo logrado por seu primeiro apóstolo. Voltado a Chipre, confirmou na fé os cristãos, aumentou o número com novas conversões e fez muito florescente aquela igreja. Não faltava outra coisa à glória de nosso santo que coroar com o martírio os trabalhos de seu apostolado; mas não tardou muito em conseguir esta graça. Irritaram os judeus as insignes conversões que fazia e resolveram livrar-se dele. Revelou-lho Deus, como também o dia de sua morte, e preparou-se com novo fervor para ser vítima daquele sacrifício. Chegado o ditoso dia, muito de manhã ofereceu a Deus o do altar, dando ordem a João Marcos de que se retirasse e não voltasse senão para dar sepultura a seu corpo. Os anciãos da sinagoga de Salamina representaram ao povo que as conquistas que fazia Barnabé a Jesus Cristo arruinavam a religião de Moisés e faltava pouco para que a sinagoga se convertesse em um deserto. Excitou-se uma sedição popular e, lançando mão do apóstolo, arrastaram-no até fora da cidade, onde lhe tiraram a vida a pedradas no dia 11 de junho, pelo ano 70 de Jesus Cristo; e com esta preciosa morte terminou sua gloriosa carreira nosso grande santo. Quiseram depois queimar seu corpo; mas seu querido discípulo João Marcos acudiu na noite seguinte com outros cristãos e, achando-o inteiro, deu-lhe sepultura a cento e vinte passos da cidade.

Sobrevindo pouco tempo depois a perseguição, esqueceu-se o lugar da sepultura, até que, convertidos à fé os imperadores, se fez tão célebre com os milagres que o chamavam o sítio da saúde. Enfim, pelos anos 488, no tempo do imperador Zenão, descobriram-se as preciosas relíquias por um sonho em que o mesmo santo as revelou a Antêmio, bispo de Salamina. Formou-se uma procissão de todo o clero, seguido de toda a cidade, que se encaminhou ao sítio que o santo havia revelado; cavou-se nele e encontrou-se o santo corpo numa espécie de gruta, tendo sobre o peito o evangelho de São Mateus, escrito todo de mão do mesmo São Barnabé. Enviou Antêmio este exemplar ao imperador Zenão, que mandou guarnecê-lo em lâminas de ouro e guardá-lo respeitosamente em seu palácio. Depois fez edificar uma magnífica igreja em honra de São Barnabé no mesmo sítio onde se havia encontrado aquela preciosa relíquia, colocando o sepulcro do santo ao lado direito do altar, enriquecido com relevos de prata e com grandes colunas de mármore.

Assegura São Jerônimo que São Barnabé escreveu uma epístola cheia de edificação para toda a Igreja, na qual prova a abolição da lei pelo Evangelho de Jesus Cristo, a inutilidade das cerimônias legais e a necessidade da encarnação e a morte do Salvador, com outras instruções doutrinais muito proveitosas. Dirigia-se aos hebreus, isto é, aos judeus que haviam abraçado a religião cristã, mas que ainda estavam muito apegados às observâncias cerimoniais da lei; nela se qualifica o santo a si mesmo o último e a escória dos mesmos a quem escreve, encomendando-se a suas orações. Embora esta epístola não esteja recebida por canônica, citam-na muitas vezes São Clemente de Alexandria, Tertuliano e Orígenes, que a chama epístola católica, isto é, dirigida a toda uma nação e não a alguma igreja ou pessoa particular.

Martirológio Romano

A festa de São Barnabé, apóstolo, natural de Chipre, o qual, tendo sido ordenado apóstolo dos gentios com São Paulo pelos discípulos do Senhor, percorreu com ele grande número de províncias, enchendo-as todas da fé de Jesus Cristo. Enfim, chegado a Chipre, coroou seu apostolado com o do martírio. Seu corpo foi achado, por revelação sua, no tempo do imperador Zenão, com um exemplar do evangelho de São Mateus, de seu punho e letra.

Em Aquileia, o martírio dos santos Félix e Fortunato, irmãos, que, durante a perseguição de Diocleciano e Maximiano, foram estendidos no potro, onde lhes aplicaram nos flancos tochas acesas, que se apagaram logo por efeito do divino poder; depois lançaram-lhes no ventre azeite fervendo; e, vendo que ainda assim perseveravam na confissão de Jesus Cristo, cortaram-lhes a cabeça.

Em Roma, a trasladação de São Gregório Nazianzeno, cujo santo corpo, levado em certo tempo de Constantinopla a Roma e guardado muito tempo na igreja da Mãe de Deus no Campo de Marte, foi de novo transportado com muito aparato e solenidade, por ordem do papa Gregório XIII, à igreja de São Pedro, numa capela que o dito papa havia mandado adornar magnificamente, pondo-o no dia seguinte debaixo do altar com as honras merecidas.

Em Verdey, perto de Sézanne, em Brie, São Blier, confessor.

Em Tourout, em Flandres, o beato menino Acas.

No hospital perto de Beaulieu, em Quercy, Santa Flora.

Na África, São Galone, mártir.

No dito dia, São Máximo, bispo de Nápoles, morto no mesmo lugar para onde havia sido desterrado pela facção dos arianos.

No Egito, o natalício de São Palêmon, da ordem de São Pacômio.

No mosteiro de Tigra, na Etiópia, São Gardina, abade, um dos nove propagadores da fé naquele país.

No dito país, São Batatzun, abade, de incrível abstinência.

Missa (oração)

A missa é em honra do santo, e a oração é a seguinte:

> **Latim:** *Deus, qui nos beati Barnabæ apostoli tui meritis et intercessione lætificas: concede propitius; ut qui tua per eum beneficia poscimus, dono tuæ gratiæ consequamur. Per Dominum nostrum...*

Português: Ó Deus, que nos consolais com a intercessão de vosso bem-aventurado apóstolo Barnabé, concedei-nos benigno que consigamos por vossa graça aqueles benefícios que vos pedimos por seu rogo. Por nosso Senhor...

Epístola

A epístola é do capítulo 11 e 13 dos Atos dos Apóstolos.

Atos dos Apóstolos 11,21-26; 13,1-3

> **Latim:** 21 Et erat manus Domini cum eis : multusque numerus credentium conversus est ad Dominum. 22 Pervenit autem sermo ad aures ecclesiæ quæ erat Jerosolymis super istis : et miserunt Barnabam usque ad Antiochiam. 23 Qui cum pervenisset, et vidisset gratiam Dei, gavisus est : et hortabatur omnes in proposito cordis permanere in Domino : 24 quia erat vir bonus, et plenus Spiritu Sancto, et fide. Et apposita est multa turba Domino. 25 Profectus est autem Barnabas Tarsum, ut quæreret Saulum : quem cum invenisset, perduxit Antiochiam. 26 Et annum totum conversati sunt ibi in ecclesia : et docuerunt turbam multam, ita ut cognominarentur primum Antiochiæ discipuli, christiani. 1 Erant autem in ecclesia quæ erat Antiochiæ, prophetæ et doctores, in quibus Barnabas, et Simon qui vocabatur Niger, et Lucius Cyrenensis, et Manahen, qui erat Herodis Tetrarchæ collactaneus, et Saulus. 2 Ministrantibus autem illis Domino, et jejunantibus, dixit illis Spiritus Sanctus : Segregate mihi Saulum et Barnabam in opus ad quod assumpsi eos. 3 Tunc jejunantes et orantes, imponentesque eis manus, dimiserunt illos.

Português: 21 E a mão do Senhor era com elles: e hum grande número de crentes se converteo ao Senhor. 22 E chegou a fama d'estas cousas aos ouvidos da igreja que estava em Jerusalem: e enviárão Barnabé a Antioquia. 23 O qual quando lá chegou, e vio a graça de Deos, se alegrou: e exhortava a todos a perseverar no Senhor pelo proposito do seu coração: 24 porque era varão bom, e cheio do Espirito Santo, e de fé. E se unio ao Senhor grande número de gente. 25 E d'allí partio Barnabé para Tarso, em busca de Saulo: e tendo-o achado, o levou a Antioquia. 26 E aqui nesta igreja passárão elles todo hum anno: e instruirão huma grande multidão de gente, de maneira que em Antioquia forão primeiro os discípulos denominados Christãos. 1 HAVIA pois na igreja, que era de Antioquia varios profetas, e doutores, entr'elles Barnabé, e Simão, que tinha por appellido o

Negro, e Lucio de Cyrene, e Manahen, o qual era collaço de Herodes o tetrarca, e Saulo. [2] A tempo porém que elles ofereciam o sacrifício ao Senhor, e jejuavão, disse-lhes o Espírito Santo: Separai-me a Saulo, e a Barnabé, para a obra a que eu os hei destinado. [3] Depois que jejuárao, e orárao, e lhes impozerão a mãos, os despediráo.

Nota

«O livro dos Atos apostólicos, ou Atos dos Apóstolos, que escreveu São Lucas, é uma história do mais singular e milagroso que sucedeu no berço da Igreja; isto é, desde a Ascensão de Cristo aos céus até que entrou São Paulo em Roma. Nele se lê o nascimento da religião, os progressos do Evangelho, as vitórias conseguidas da sinagoga e da gentilidade e a união dos dois povos, judaico e gentílico, no seio da Igreja.»

Reflexões

Segregate mihi Saulum et Barnabam in opus ad quod assumpsi eos: separai-me Saulo e Barnabé para o ministério a que os destinei. O Espírito Santo é quem fala, o mesmo Deus é quem os escolhe para as funções do sagrado ministério; com semelhante vocação, como podiam deixar de ser poderosos em obras e em palavras? Por isso nunca se viram missões mais proveitosas, zelo mais eficaz, nem tantas conversões. E que não fariam também todos os dias os ministros do Senhor se se dedicassem sempre ao sagrado ministério por eleição do Espírito Santo! O ministério sempre é verdadeiramente divino; mas é sempre verdadeiramente divina a vocação? É sempre Deus quem chama esse rapaz ao serviço do altar? É Deus quem o separa para si? É Deus quem o escolhe para esse ministério? Ah, e quantas vezes não há outra vocação que a ambição e a cobiça! É o segundo ou o terceiro da casa? Pois dedique-se à igreja: mas não tem vocação; não importa, seus pais a têm por ele: mas lhe faltam os talentos necessários para o cumprimento das graves obrigações do estado; não importa, já terá habilidade para colher as rendas do benefício. Na prelazia só se atende às conveniências temporais; o esplendor lisonjeia a ambição e a opulência a cobiça. Basta muitas vezes que um jovem seja de má figura, de pouca capacidade, de curto entendimento, que lhe faltem aquelas prendas que brilham no mundo, para que se o destine ao estado eclesiástico. Dá-se a Deus não poucas vezes o refugo das famílias e determinam os estados a inclinação dos parentes. Por mais que chame Deus um jovem ao estado religioso; por mais que sua vocação seja a mais forte, a mais indubitável, a nada disso se atende, só se olha a predileção dos pais e o interesse da família. Basta que tenha nascido o segundo para não duvidar que se há de destiná-lo à igreja e ao formidável ministério dos altares; mas, se as coisas se mudarem, também se mudará sua vocação. Não tem dote uma donzela; isto basta para que os pais se creiam movidos do espírito de Deus para dizer que há de ser religiosa: mas tem um dote considerável, é a herdeira da casa? Pois seu amor ao retiro e sua inclinação ao claustro é uma conhecida tentação. Pergunto: é Deus quem preside às eleições de um e outro estado? É o espírito de Deus quem faz esta repartição? De nenhum modo; é uma cega predileção; é a ambição, é o interesse, é o favor, é o direito do nascimento os que, sem

consultar a Deus, decidem soberanamente da sorte dos filhos; e nestes são miras e respeitos puramente naturais os que lhes fazem tomar gosto às mais sagradas dignidades, às funções mais graves do tremendo ministério; e nos admiraremos depois de que se transtornem as cabeças dos que estão nos empregos mais altos; nos admiraremos de que o pão da palavra de Deus não tenha força nem substância na boca daqueles que foram escolhidos por Deus para repartir; nos admiraremos de que o sacerdote se confunda com o leigo pela desordem ou pela irregularidade de seus costumes; de que os pastores de Israel se apascentem a si mesmos em lugar de apascentar o rebanho, como se explica o Profeta; nos admiraremos, enfim, de que as censuras que fazia Deus em outro tempo aos ministros da lei antiga venham tão ajustadas aos da lei nova: *Lac comedebatis, et lanis operiebamini:* comíeis o leite de minhas ovelhas e vos abrigáveis com sua lã: *et quod infirmum erat non consolidastis;* mas não vos aplicáveis a curar as fraturas das de pernas quebradas, nem a limpar as chagas das que estavam feridas; *et quod ægrotum erat non sanastis,* nem a aplicar medicinas às enfermas, nem a levantar as caídas, nem a buscar as que se haviam perdido e desgarrado, deixando-as perecer miseravelmente: *et quod perierat non quæsistis;* reduzindo-se todo o vosso cuidado a dominá-las com severidade e com altivez: *cum austeritate imperabatis eis, et cum potentia.* «Desta maneira se espalharam minhas pobres ovelhas e foram devoradas pelo lobo: *dispersæ sunt oves meæ.* Mas eu vos juro por mim mesmo, diz o Senhor, que pedirei a esses indignos pastores a estreita e terrível conta das ovelhas que deixaram perder e do rebanho de que tanto descuidaram: *Vivo ego, dicit Dominus: requiram gregem meum de manu eorum.*» Estes são os funestos efeitos dessas vocações puramente humanas; isto é o que produzem essas instituições, esses destinos ao estado eclesiástico sem vocação.

Evangelho

O evangelho é do capítulo 10 de São Mateus.

Mateus 10,16-22

> **Latim:** 16 Ecce ego mitto vos sicut oves in medio luporum. Estote ergo prudentes sicut serpentes, et simplices sicut columbæ. 17 Cavete autem ab hominibus. Tradent enim vos in conciliis, et in synagogis suis flagellabunt vos : 18 et ad præsides, et ad reges ducemini propter me in testimonium illis, et gentibus. 19 Cum autem tradent vos, nolite cogitare quomodo, aut quid loquamini : dabitur enim vobis in illa hora, quid loquamini : 20 non enim vos estis qui loquimini, sed Spiritus Patris vestri, qui loquitur in vobis. 21 Tradet autem frater fratrem in mortem, et pater filium : et insurgent filii in parentes, et morte eos afficient : 22 et eritis odio omnibus propter nomen meum : qui autem perseveraverit usque in finem, hic salvus erit.

Português: [16] Vede que eu vos mando como ovelhas no meio de lobos. Sede logo prudentes como as serpentes, e simples como as pombas. [17] Mas guardai-vos dos homens. Porque elles vos farão comparecer nos seus juízos, e vos farão açoutar nas suas sinagogas: [18] e vós sereis levados por meu respeito á presença dos governadores, e dos reis, para lhes servirdes a elles, e aos Gentios de testemunho. [19] E quando vos levarem, não cuideis como, ou o que haveis de fallar: porque naquella hora vos será inspirado o que haveis de dizer: [20] porque não sois vós os que falais, mas o Espírito de vosso Pai he o que falla em vós. [21] E hum irmão entregará á morte a outro irmão, e o pai ao filho: e os filhos se levantarão contra os pais, e lhes darão a morte. [22] E vós por causa do meu nome sereis o ódio de todos; aquelle porém que perseverar até o fim, esse he o que será salvo.

Meditação

Da prudência cristã

Primeiro ponto

Considera que a prudência cristã é aquela importante virtude que ensina a regular a vida e os costumes segundo as máximas da lei de Deus e a dirigir as palavras e as obras segundo as regras da fé e da religião que professamos; sem ela nem há honradez, nem há virtude, nem há mérito; sem ela tudo é descaminho, e sem esta luz cada passo é um tropeço.

Não há coisa mais fraca nem mais falsa que a prudência do mundo; todo o seu estudo tende a alucinar-nos; erra os fins e desacerta os meios; de sorte que por precisão todas as suas lições hão de parar em enganar-nos. Quão dignos de lástima são os que se deixam conduzir de semelhante guia! Fins tortos, medidas desconcertadas, quimeras fantásticas, discursos falazes, manancial inesgotável de desgostos e de arrependimentos: estes são os funestos mas necessários efeitos da prudência da carne. Olha como se desvanecem de um sopro todos esses vastos projetos de fortuna.

Considera bem essas medidas tomadas com tanto estudo, conduzidas com tanta habilidade, sustentadas com tanta arte; e verás que sempre se tomaram mal e que não alcançam. Nossas luzes são muito limitadas, nossa destreza muito curta e todas as nossas forças não bastam para evitar os escolhos em que se vai estrelar toda a prudência humana. É mister eleição, previsão, discernimento; é mister não perder jamais de vista a regra de costumes, a brevidade da vida, a imutabilidade de nosso último fim; é mister conhecer a vaidade, descobrir o falso brilho, compreender o nada desses bens criados que nos encantam; e isto, quem o pode fazer senão só a prudência cristã, que sabe sozinha representar os objetos como verdadeiramente são e sozinha sabe tomar as medidas justas?

Coisa estranha! Toda a vida se está estudando, toda se passa numa contínua agitação, toda se consome em chegar cada um a seus fins; artifícios, sutilezas, enredos, dissimulações: de tudo se

lança mão para fazer cada um sua fortuna. Prudência humana, falsa prudência, que cada dia se está Deus comprazendo em confundir com mortes imprevistas, com desgraças não esperadas, com súbitas revoluções, que num abrir e fechar de olhos transtornam tanto as famílias. Que lástima, ou, melhor dizendo, que coisa mais risível que ver os afãs, as fadigas dos filhos de Noé para imortalizar seu nome, para levantar uma fortificação contra a cólera do céu, para fabricar-se um asilo contra todas as desgraças! Imagem natural da prudência da carne. Que necedade apoiar-se só em seus braços! Contar só com seu crédito, com o poder de seus amigos, com o favor de seus protetores, com a virtude de suas riquezas, com a felicidade de sua fortuna e com os arbítrios de sua habilidade e de sua indústria! *Nisi Dominus ædificaverit domum, in vanum laboraverunt qui ædificant eam:* se o Senhor não entra em nossos projetos, se não é o único fim e o móvel principal de todas as nossas empresas, se ele mesmo não fabrica nossa fortuna, de nada servem todas as nossas diligências e medidas. Meu Deus, que necedade a de fundar-nos, a de confiar só em nossa prudência!

Segundo ponto

Considera que somente a prudência cristã, isto é, aquela prudência que unicamente se apoia nos princípios da religião, que só segue as luzes da razão alumiada pela fé, que não tem outra regra que as máximas do Evangelho, somente esta prudência não se descaminha, só ela é verdadeira, só ela pode fazer nossa fortuna para o tempo e para a eternidade. Ela só possui a arte de aproveitar-se igualmente dos bens e dos males desta vida; consiga-se ou não se consiga o que se pretende, quando só se obra movido de um espírito cristão e segundo a prudência do Evangelho, saia-se bem ou saia-se mal do que se intenta, se não se lograr a aprovação dos homens, logra-se sempre a de Deus, que leva conta fiel de todos os nossos passos. Por mais que o sucesso não corresponda aos desejos da ambição; por mais que não se conforme ao gosto do mundo, sempre nos será favorável. Os santos jamais conheceram outra prudência; é certo que nem sempre votaram em favor de suas ações os filhos deste século; mas quem não quisera ter sido tão discreto e tão prudente como o foram os santos?

É verdade que a prudência cristã ignora todas essas sutilezas do engenho humano, que tantas vezes zombam dos corações simples; ignora essas delicadas máximas de refinada política, que por vezes se adiantam a registrar e revolver o futuro, fazendo troça da retidão e da simplicidade de uma consciência timorata; ignora todas essas baixezas, que são próprias de uma alma escrava de suas paixões; todos os artifícios com que se pretende fazer fortuna e ter a vaidade de que seja obra da própria indústria. Mas Deus reprova e confunde esta prudência; a prudência cristã tem fundamentos mais firmes, segue guias mais seguras e não engana aos olhos mundanos. Acompanham-na sempre a modéstia, a humildade, o desinteresse e o espírito de religião, que continuamente lhe estão inspirando moderação e sensatez. É certo que a fazem parecer menos brilhante; mas que mérito não entesoura? Que consolo e que tranquilidade não lhe produz, tanto para esta vida como para a outra? Ri-se o mundo algumas e muitas vezes da retidão e da boa-fé das almas timoratas; ri-se de sua franqueza e de sua sinceridade; trata de imbecilidade a delicadeza de consciência, ou, quando menos, de apoucamento de ânimo. Mas pensar-se-á o mesmo quando se vir que esses ânimos apoucados, esses imaginados simples, possuíram a ciência dos santos e obraram segundo o espírito de Deus; que foram sábios a seus divinos olhos e que só

eles foram prudentes e discretos? É verdade que esta prudência não sabe que coisa é mentira nem artifício; que sacrifica à consciência e à religião todos os interesses; que ignora toda dobrez e toda supercheria; mas será menos respeitável por isso? Será menos segura? E merecerá o nome de prudente a conduta contrária que segue a maior parte do mundo? Não é uma insigne loucura? E qualquer que siga outra prudência que a prudência cristã, não será um pobre insensato?

Sem dúvida, meu Deus, sem dúvida; e faço esta sincera confissão com uma íntima dor de minha desacertada conduta. Detesto com toda a alma essa desditada política, essa perniciosa prudência, essa falsa sabedoria. Vossa lei, meu Deus, vossos mandamentos, vosso evangelho, vossas máximas, essa será de hoje em diante toda a minha política, toda a minha prudência e toda a minha conduta; mas, divino Mestre meu, tudo há de ser com vossa graça, porque sem ela a nada se reduzem todas as minhas resoluções.

Jaculatórias

> *Beati immaculati in via, qui ambulant in lege Domini.* Sl 118.

Ditosos aqueles que vão pelo caminho da inocência e caminham fielmente pela vereda da santa lei de Deus.

> *Beati qui scrutantur testimonia ejus: in toto corde exquirunt eum.* Ibid.

Ditosos os que só estudam em saber a vontade de Deus para cumpri-la, para não se apartar dela.

Propósitos

1. Não há coisa mais prejudicial à verdadeira virtude que a falsa prudência; prudência mundana, prudência carnal, toda natural, que nem vê senão pelos ofuscados olhos da humana razão, nem julga senão pelo órgão falaz dos sentidos, nem tem outro primeiro princípio que o errado ditame do amor-próprio. Tal é a prudência que hoje reina no mundo e algumas vezes também até nos claustros religiosos: somente se consulta o que se chama bom juízo; não se seguem outras luzes que as débeis e obscurecidas do próprio ditame, nem se faz juízo das coisas senão pelas desacertadas máximas da prudência humana. E, como as de Jesus Cristo, as do Evangelho e as da fé nem se consultam nem ainda se ouvem em seu tribunal, sempre perde a religião o pleito nele. Tudo se mede, tudo se regula, tudo se ajusta à perniciosa prudência da carne, a qual faz filósofos, mas não cristãos. Guarda-te bem de seguir semelhante guia, que sempre te descaminhará; discorre em boa hora em todos os assuntos segundo as luzes de um entendimento direito e de um

juízo são; mas jamais percas de vista em teu modo de discorrer os princípios da fé e as luzes do Evangelho; estas hão de purificar aquelas; sem as primeiras tudo o que se chama sensatez é mera ilusão, é extravagância. Tanto seremos homens de bom juízo quanto nosso espírito se conformar com o de Jesus Cristo. Hás de ter sempre esta verdade por um primeiro princípio.

2. Desconfia sempre muito de teu próprio parecer, de teu imaginário bom juízo e de todos os teus alcances; a paixão, o amor-próprio e o interesse tudo cegam; por isso é tantas vezes o entendimento joguete e burla do coração. Nunca te fies daquela prudência mundana que, com os especiosos pretextos de gratidão, de urbanidade, de atenção e de necessidade, favorece sempre a paixão e o amor-próprio, mas à custa da virtude e da salvação. Tratas de resolver-te a algum negócio de consequência e de importância? Começa consultando-o com Deus e pedindo-lhe que te alumie; depois examina com madureza todas as circunstâncias e todas as razões; mas discorrendo sempre a respeito de teu último fim, que em todas as coisas há de ser teu primeiro princípio. Considera-te na hora da morte, próximo já a dar conta daquele negócio que queres empreender; olha-o agora como o olharias então; e, enfim, não empreendas coisa alguma considerável sem tê-la consultado primeiro com um sábio e santo diretor.

Revision #1
Created 20 November 2026 20:49:09 by Admin
Updated 20 November 2026 20:49:09 by Admin